

Nicolau Sevcenko

## Âncoras no céu

Estamos todos um tanto intoxicados de política. Momentos decisivos, políticos, líderes de classes e entidades, intelectuais e sectários diversos assaltam o espaço público com suas razões e desrazões. Procura-se fórmulas: para a transição, para o pacto, para a Constituição, para as instituições. Vive-se um furor retórico, elucubrativo e legiferante. Como se uma torrente de discursos submergisse o país numa polifonia de mil vozes desafinadas e desencontradas, em contraponto permanente. Seria frutífero se houvesse interação entre as elocuições. Mas, como a tendência é de quem fala, sempre diz a mesma coisa, e quem ouve, só escutar o que deseja, a Babel se torna completa e como resultado se vai relegando a construção da Torre, que embora vá se tornando descomunal, vai ficando também precária, desengonçada e tosca.

Um sintoma dessa compulsão verbosa e rebarbativa, é a inefável constituição de mais de 500 artigos com que nos ameaçam. É um recorde absoluto: mais uma vez o mundo se curva ao Brasil — de gargalhadas. Conseguimos quase dobrar o recorde português, com seus mais de 300 artigos. A semelhança, claro, não é casual. Seguimos a tradição bacharelesca que acompanhou, naquele país, a substituição do homem de armas pelo homem de leis, como efeito da decadência do Império Ultramarino e da nobreza medieval, que deixou ainda como lastro um Estado todo-poderoso e arquivocrático. Presa no conservadorismo saudosista de antigas glórias, essa tradição sempre tendeu a substituir a ação pela regulamentação. As consequências são paralisantes: não se age, se obedece; não se pensa, se consulta; não se cria, se repete.

Não sobra muito espaço para a imaginação nesse contexto. Claro aliás, que a política sempre teve uma séria diferença com a imaginação: Platão tomou o cuidado de providenciar a expulsão de todos os poetas da sua República ideal. A fonte da imaginação é o inesperado, a espontaneidade, o improvisado. É o recurso genial de se explorar o imponderável como um campo fértil e sempre aberto às alternativas criativas. Não se pode regulamentar isso — felizmente. Mas se pode fechar essa porta, controlando todos os movimentos e circunscrevendo o futuro insondável às determinações do presente e ao peso do passado.

Suponho o inverso de Platão, um adorável paradoxo: uma República instaurada por poetas. Poetas que tão desesperadamente nos faltam nessas horas. Poetas, essas "almas ansiosas, trêmulas, inquietas", "almas imprevisitas", como os chama Cruz e Souza. Que horror, eles têm aos códigos fechados, obtusos, abstrusos. Precisam de tão pouco, para cumprir seu destino de "espanhar as trevas do mundo". E, como esse Maiakovski, sempre querem "mais do que é permitido, / mais do que é preciso". Fernando Pessoa sintoniza bem esse impasse entre os compromissos da oração e os da conservação. "As minhas ansiedades caem / por uma escada abaixo. / Os maus desejos balouçam-me / em meio de um jardim vertical. / Na Múmia a posição é absolutamente exata".

O que me faz lembrar daquela tela que Borges elogia, porque não foi pintada: "agora é ilimitada, incessante, / capaz de qualquer forma e qualquer cor, e a / ninguém vinculada. Existe de algum modo. / Viverá e crescerá como uma música e / estará comigo até o fim." Ana Cristina Cesar resume a angústia dessa paixão pelo indeterminado, lembrando que "é sempre mais difícil / ancorar um navio no espaço". Sem dúvida. Mas o infinito das estrelas é mais inspirador que a monotonia regular das marés.

Nicolau Sevcenko escreve às segundas-feiras nesta coluna.